

# AS MULHERES DE LESBOS NAS MÃOS DE CATULO

Zilma Gesser Nunes  
UFSC

*Vieste, e fizeste bem. Eu esperava,  
queimando de amor; tu me trazes a paz.*  
Safo

O presente trabalho surgiu dentro de um projeto maior, o resgate da poesia inédita do catarinense Ernani Rosas, pesquisa de doutorado<sup>1</sup> apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Como a minha área de atuação como docente é a de Língua e Literatura Latina, procurei relacionar a minha pesquisa com a minha área de atuação e passei a destacar, na poesia de Ernani Rosas, a presença de figuras mitológicas ou históricas abstraídas do modelo greco-latino. Em uma primeira observação, pode-se notar na obra de Rosas um mitológico desfile de figuras pagãs como o belo grego Adônis ao lado de Narciso, seguidos do mito, já cristão, de Salomé. Como título de um poema, Rosas questiona “Vênus ou Safo?”. Interessante marcação, tanto mais que, em outro poema, a latina Vênus dá lugar à sua versão grega Afrodite. Percebe-se, assim, que Safo está presente, emprestando o seu nome, ou “suas Lésbias”, ou seu modelo lírico, ou sua ousadia a poetas de todos os tempos. Celebrada por Platão “Safo, a bela”, imitada por Catulo, a poeta empresta suas personagens e seu jeito de se referir a elas a poetas como Cruz e Sousa “Lésbia nervosa, fascinante e doente, / Cruel e demoníaca serpente / Das flamejantes atrações do gozo.” Almeida Garret traduz “Quantos me podem sacciar, ó Lésbia, / Suaves beijos teus saber desejas?”. Péricles Eugênio da Silva Ramos “Vamos viver e amar-nos, minha Lésbia”. Aires de Gouveia “Do amor, minha Lésbia, / vivamos...”, entre outros.

Percebe-se que, em muitos casos, a via de chegada das mulheres de Lesbos é por meio dos poemas de Catulo. Pretendo, portanto, neste trabalho, examinar a influência da poesia de Safo (de Lesbos, nascida por volta do ano 612 a. C.) na poesia de Catulo (Verona, 84 a. C.). A obra lírica de Catulo consiste em uma coletânea de 116 poemas curtos, de metros variados, escritos em linguagem viva e provocante. É bastante recorrente, em sua poesia, uma espécie de musa inspiradora de nome Lésbia. Era comum à época do latino Catulo que os modelos a serem imitados fossem os gregos, o que não parece natural é que um poeta pudesse imitar um raro exemplar feminino. Mais interessante ainda é o fato de que a poeta imitada era Safo, mulher que fugia aos padrões de uma sociedade patriarcal de “poetisas educadoras”. Safo foi líder de uma sociedade literária feminina chamada “Casa das Musas”. Objetivava, essa sociedade, reunir mulheres que se devotavam à música, à poesia e ao culto de Afrodite.

Safo, nas biografias, é retratada sempre com os mesmos traços. Nasceu na ilha de Lesbos, em torno do ano 612 a. C.. Era de família aristocrática, conheceu, da mesma forma que seu contemporâneo, o poeta Alceu, o exílio, vivendo por algum tempo na Sicília. Foi casada com Kerdolas de Andros com quem teve uma filha, Kleis. Quase todos os resumos biográficos fazem referência à beleza de Safo, exceção ao *Dicionário internacional de biografias* que diz

“Safo não era bonita, mas franzina e trigueira. Levou uma vida de extraordinária independência numa época em que a mulher grega vivia pudicamente retirada no gineceu”<sup>2</sup>. Fato referido por todos é que sua casa, dedicada às musas, era frequentada por mulheres desejosas de aprender música e poesia. Graças a esse fato e ao sentimento ardente de amor na sua poesia – muitos de seus textos foram dedicados a mulheres – correm lendas a respeito de sua vida íntima, de seus costumes, de sua dedicação e carinho ao mesmo sexo. Lembra o biógrafo acima citado que “os costumes gregos eram muito mais livres que o são hoje e, as ligações entre Safo e suas discípulas podem ser comparadas às de Sócrates e os seus”<sup>3</sup>.

Num contexto histórico-cronológico, segundo Jaeger “enquanto a poesia jônica posterior a Arquíloco apresenta, nos séculos VII e VI a. C., a forma de uma reflexão universalmente válida sobre os direitos naturais da vida, a poesia eólica se Safo de Lesbos e de Alceu exprime a própria intimidade da vida individual”<sup>4</sup>. A lírica eólica de Safo é pura expressão do sentimento, inspirada na vida circundante e direcionada a um determinado círculo de pessoas. A conexão viva da poesia de Safo, especialmente nas canções nupciais e amorosas, com os anseios das jovens companheiras que se agrupavam em torno dela adquire uma importante significação. Refere Jaeger que “tudo se passa como se o espírito grego precisasse de Safo para dar o último passo no mundo da intimidade e do sentimento subjetivo. Os gregos deviam ter sentido isso como algo de muito significativo quando, no dizer de Platão, honraram Safo como a décima musa”<sup>5</sup>. Safo é singular, não há referência a outra mulher em sua época que na arte tenha se igualado a ela. É comum nos versos de Safo a descrição de experiências íntimas com vivo realismo. Exemplo disso encontramos em uma canção composta por ocasião das bodas de uma de suas discípulas:<sup>6</sup>

Basta-me ver-te e ficam mudos os meus lábios, ata-se a minha língua, um fogo sutil corre sob a minha pele, tudo escurece ante o meu olhar, zunem-me os ouvidos, escorre por mim o suor, acometem-me tremores e fico mais pálida que a palha; dir-se-ia que estou morta.

Safo, por meio de uma linguagem pessoal, confere sentimento profundo aos versos e consegue expressar uma forte individualidade através da grande força do amor:

Alguns dizem que o que há de mais belo na Terra é um esquadrão de cavalaria; outros, um exército de guerreiros apeados; outros ainda, uma esquadra de navios; mas o mais belo é ser amado por quem o coração suspira.

Essa linguagem viva de Safo é geradora de linguagem. A partir da idéia de que Safo mantinha uma sociedade feminina para as moças de Lesbos surge o emprego atual da palavra “lésbica”, utilizada pela primeira vez em língua inglesa em 1890<sup>7</sup>. André Lardinois em artigo publicado por Bremmer na obra citada intitulado “Safo lésbica e Safo de Lesbos” explica que o substantivo “lesbianismo”, relativo a homossexualismo de mulheres é ligeiramente mais antigo<sup>8</sup>. Nesse contexto, diz o pesquisador, que o termo é utilizado com letra maiúscula para marcar o vínculo com a ilha de Lesbos. As enciclopédias, de modo geral, registram o verbete “lesbianismo” conforme se pode exemplificar com a reprodução do texto da *Encyclopaedia Britannica do Brasil* “homossexualismo feminino. O mesmo que safismo, pois tem origem no nome de Safo, poetisa

grega que liderava um grupo de mulheres que adoravam as musas e Afrodite na ilha de Lesbos (Grécia)”. Essa *Encyclopaedia* remete ainda ao verbete “Safo” e explica “(século VII a. C.). Poetisa grega da ilha de Lesbos. De suas preferências sexuais vêm as expressões lesbianismo e amor lésbico”.

Afirma Lardinois que as evidências são muito escassas para se atribuir de forma taxativa um comportamento homossexual a Safo. Passa, o autor, a analisar alguns dados relativos aos poemas de Safo que teriam dado margem a essa definição. Escolhe os cantos sobre as jovens garotas, já que foi principalmente por causa deles que surgiu a suposição de que Safo era lésbica. A poeta era respeitada em sua comunidade, escrevia cantos nupciais que eram cantados pelas amigas da noiva. Também faz referências, em sua poesia, a diversas garotas em diferentes situações: aquelas que abandonavam a sociedade para se casarem, ou qualquer outra que ainda permanecia no grupo em situações diversas. Afirma o pesquisador que nos versos estudados, não se encontram claras indicações de práticas homossexuais. Há, contudo, que se analisar o fato de que não necessariamente, se ela fosse homossexual, deixaria indícios relatados em sua poesia. A descrição que apresenta das jovens como atraentes, até mesmo a seus olhos, pode ser lida como um elogio justificável e necessário em um canto nupcial. Safo desenvolve nos poemas uma visão cultural da mulher com a valorização do corpo feminino, na qual se diferencia em uma ordem prática do que é exposto pela sociedade masculina, no que corresponde aos atributos idealizados, afirma José Roberto de Paiva Gomes.<sup>9</sup> Continua o autor

Vemos surgir, portanto, com a narrativa de Safo, a mulher falando sobre o seu próprio universo e relacionando a experiência do sujeito feminino. Os poemas representam uma exceção, ao representar o cotidiano das mulheres e sua relação com a sociedade e a natureza. Desta forma, Safo narra e observa de uma maneira distinta as relações sociais quando comparadas com as preocupações masculinas que foram priorizadas em uma perspectiva do coletivo e onde a família e a sociedade dos homens são os temas principais.

A partir dos poemas de Safo, está claro que ela reunia ao seu redor um grupo de garotas com finalidade educativa. A música e a poesia eram consideradas importantes elementos utilizados pedagogicamente na Grécia primitiva.

Ao cantarem juntas, as garotas aprendiam disciplina e, ao mesmo tempo, um certo sentido de beleza. O canto era normalmente acompanhado pela dança. Por meio dessas danças, as garotas podiam mostrar que sabiam como se mover com elegância. Fiação e tecelagem, duas habilidades ainda mais importantes para as mulheres, eram aprendidas em casa. Não pertenciam às atividades praticadas por Safo e suas virgens.<sup>10</sup>

O que se há de considerar, finaliza o autor do artigo acima referido, é que existia um certo relacionamento entre Safo e jovens prestes a se casarem e que viveu em uma era diferente com diferentes noções e tipos de sexualidade. De qualquer forma, cria-se um conceito pautado no mito de Safo e das mulheres de Lesbos. O adjetivo pátrio lésbia passa a nome próprio e os poetas, desde Cato o utilizam como sinônimo musa inspiradora. A moralidade e a hipocrisia têm, contudo, condenado Safo e no século XI teve a sua maior pena: toda a sua obra, contida em nove volumes foi queimada pela Igreja. No entanto, em fins do século XIX dois arqueólogos ingleses descobriram em Oxorinco, sarcófagos envoltos em tiras de pergaminho, numa das quais eram legíveis uns 600 versos

de Safo. Foi o que restou, sobrevivendo à fúria do fogo da Igreja e da moralidade hipócrita dos séculos.

Sofrendo com a mesma moral que pretendeu esquecer Safo, Catulo é poeta desconhecido na Idade Média, sendo redescoberto somente no Renascimento. Sua obra compõe-se de 116 *carmina*. Diz Zélia Cardoso de Almeida que “embora não haja divisão regular na coletânea, os poemas compõem três grupos distintos. O primeiro compreende os 62 primeiros poemas. São textos curtos, compostos em metros variados (hendecassílabos, colíambos, estrofes sáficas <sup>11</sup>) escritos em uma linguagem viva e espontânea, podendo ser considerados em sua maioria, pelos temas que exploram, como poemas de amor ou de circunstância”.<sup>12</sup>

Interessante notar que se no aspecto formal já há uma referência à influência dos versos de Safo, o conteúdo poderá reafirmar essa tendência.

Em muitos poemas, Catulo se dirige a uma espécie de musa inspiradora à qual ele dá o nome de Lésbia. Embora os biógrafos do poeta tenham sempre procurado identificar tal figura com a bela Clódia, irmã de famoso político romano, a crítica moderna procura ver em Lésbia – assim como em outras mulheres mencionadas na poesia latina – uma figura literária, criada provavelmente por influência alexandrina. Em alguns dos textos dirigidos a Lésbia o tom é alegre, despreocupado, brincalhão:

Vivamos, minha Lésbia, e amemos  
E atribuamos o valor de um níquel  
Às murmurações dos velhos mais severos.  
Os sóis podem morrer e retornar  
Mas, quanto a nós, quando a breve luz se vai,  
Só nos resta dormir uma noite sem fim.  
Dá-me mil beijos, e depois mais cem,  
Depois mais outros mil, depois mais cem,  
Depois mais mil ainda, e ainda cem.

João Ângelo de Oliva Neto afirma que “numa poesia tão objetiva e tópica como a latina, resultante da mentalidade antiga, voltada ao que é exterior e público, percebe-se que o clima de intimidade nos poemas de Catulo é efeito de sua poética”<sup>13</sup>, o próprio Catulo nos dá a chave para essa leitura:

A um poeta pio convém ser casto  
Ele mesmo, aos seus versos não há lei.  
Estes só têm sabor e graça quando  
São delicados, sem nenhum pudor...

Continua Oliva Neto que Catulo ao “designar a *persona* da mulher amada pelo termo Lésbia pode reproduzir a prosódia do nome Clódia, mas antes evoca o nome e a poesia de Safo de Lesbos”<sup>14</sup>. O autor levanta o fato de que dois poemas fundamentais da obra de Catulo foram escritos em versos sáficos. Um dos poemas é praticamente tradução de um texto de Safo

#### Safo

Contemplo como o igual dos próprios deuses  
esse homem que sentado à tua frente  
escuta assim de perto quando falas  
com tal doçura,

e ris cheia de graça. Mal te vejo  
o coração se agita no meu peito,  
do fundo da garganta já não sai  
a minha voz

a língua como que se parte, corre  
um ténue fogo sob a minha pele,  
os olhos deixam de enxergar,  
os meus ouvidos zumbem,

e banho-me de suor, e tremo toda,  
e logo fico verde como as ervas,  
e pouco falta para que eu não morra  
ou enlouqueça.

### **Catulo**

Ele parece-me ser par de um deus,  
ele, se é fás dizer, supera os deuses,  
esse que todo atento o tempo todo  
contempla e ouve-te

doce rir, o que pobre de mim todo  
sentido rouba-me, pois uma vez  
que te vi, Lésbia, nada em mim sobrou  
DE VOZ NA BOCA

mas torpece-me a língua e leve-me os membros  
uma chama percorre e de seu som  
os ouvidos tintinam, gêmea noite  
cega-me os olhos.

O ócio, Catulo, te faz tanto mal.  
No ócio tu exultas, tu vibras demais.  
O ócio já reis e já ricas cidades  
antes perdeu.

Pode-se ler esses dados em Catulo como intertexto. O nome Lésbia com que Catulo nomeia a *persona* da mulher amada nessas odes poderia ser analisado como uma homenagem à Musa de Lesbos. Quando lemos o poema de Safo dedicado a Lésbia Mnesídice podemos compará-lo, também a um texto de Catulo, compondo a mesma intertextualidade lembrada acima.

### **Safo**

Para Mnesídice

Com as meigas mãos, ó Dice,  
trança ramos de aneto,  
e põe essa coroa  
em teus cabelos:  
fogem as Graças  
de quem não tem grinalda,  
mas felizes acolhem  
quem se enfeita de flores.

### **Catulo**

### Ode 43

Salve, menina de nariz não mínimo,  
de pés não belos, não escuros olhos,  
dedos não longos, boca nada límpida,  
e fala nem um pouco refinada,  
amante do falido Formiano.  
Por acaso a província te acha bela?  
És tu que és comparada a minha Lésbia?  
Que estúpido, que século sem graça!

O topos do desejo, indicando sentimento físico pode ser lido em Catulo na Ode 2:

Pássaro, delícias da minha amiga –  
com quem brincar e ter no colo, a quem  
no ataque dar a ponta dos dedinhos  
e acres dentadas incitar costuma  
quando lhe apraz ao meu desejo ardente  
um capricho, um gracejo preparar,  
não sei qual, um consolo à sua dor,  
creio, para aclamar o ardor assim –  
ah poder eu também brincar contigo  
e tristes aflições tirar do peito  
é tão bom para mim quanto à menina  
veloz se diz que foi a maçã de ouro  
que o cinto atado há muito enfim soltou.

A Ode alude ao seguinte poema de Safo:

Como a doce maçã que rubra, muito rubra,  
lá em cima, no alto do mais alto ramo  
os colhedores esqueceram; não,  
não esqueceram, não puderam atingir.

Além do nome próprio “Lésbia” traduzido em um dos seus mais belos poemas, Catulo faz referência explícita a sua musa inspiradora, nomeando-a na Ode 35:

Te perdôo, menina mais versada  
do que a Musa de Safo: bela está  
Cibele em versos de Cecília, grande.

A evocação mais citada de Catulo a Lésbia e, portanto, a mais conhecida é a que está registrada na Ode 5:

Vamos viver, minha Lésbia, e amar,  
e aos rumores dos velhos mais severos,  
a todos, voz nem vez vamos dar. Sóis  
podem morrer ou renascer, mas nós  
quando breve morrer a nossa luz,  
perpétua noite dormiremos, só.  
Dá mil beijos depois outros cem, dá  
muitos mil, depois outros sem fim, dá  
mais mil ainda e enfim mais cem –  
então quando beijos beijarmos (ao milhares!)  
vamos perder a conta, confundir,

p'ra que infeliz nenhum possa invejar  
se de tantos souber,  
tão longos beijos.

Pedro Paulo Funari <sup>15</sup> reúne alguns fragmentos da poesia de Safo e comenta que Skinner teria ressaltado “o caráter aberto, fluido, polissêmico e não-fálico de expressão do desejo sexual feminino”<sup>16</sup>. Teriam, segundo ele, as mulheres de Lesbos inventado “seu próprio sistema simbólico e um conjunto de convenções discursivas adaptadas para a expressão do desejo homoerótico feminino”. Não era comum a existência de mulheres poetas em uma sociedade patriarcal hierarquizada e, que no caso de Safo, Dowden explica pela sua função de “poetisa educadora”<sup>17</sup>. Analisa Funari que essa educação estava, em geral, a cargo “de homens que compunham versos para as virgens, como Alceu ou Píndaro”<sup>18</sup> e que Safo fugiria a esse padrão. O mundo feminino de Safo está muito bem referido no poema em que essa tradição vai passando de mãe à filha, numa espécie de continuidade:

Cleis, Cleis

Dizia minha mãe Cleis  
.....  
que, quando jovem, bastava  
no cabelo uma fita vermelha  
como toucado. Quem tivesse,  
ó Graças, cabelo mais loiro  
do que um facho luminoso,  
só com flores em grinalda,  
e leves!, aos olhos seria belo.  
Ora a ti, Cleis, filha minha,  
de Sardes bem te ia uma fita!  
.....

Explica, a respeito desse poema, Pedro Alvim, o tradutor, que Cleis era o nome da mãe de Safo, bem como de sua filha.

Bella Zweig <sup>19</sup> lembra um outro dado importante a respeito da poesia de Safo. A imitação de Catulo fica evidente até mesmo porque o poeta lhe dá o crédito, mas existe uma apropriação deliberada e deturpada da poesia de Safo. Afirma que os morfemas indicativos de gênero em sua poesia teriam sido alterados para fazê-la parecer amar homens. Dessa forma, não se saberá na tradução do poema se o amor a que se refere seria realmente destinado a um rapaz

Mãe querida, não posso mais te tecer a trama  
– queimo de amor por um lindo rapaz:  
a culpa é de Afrodite, a delicada –

As mulheres de Lesbos nas mãos de Catulo transformam-se em amantes, assumindo um papel feminino tradicional:

Ode 5  
Vamos viver, minha Lésbia, e amar  
(...)  
Ode 7  
Perguntas, Lésbia, quantos beijos teus  
bastam p'ra mim, e quantos são demais.

(...)  
Ode 51  
... pois uma vez  
que te vi, Lésbia, nada em mim sobrou  
(...)  
Ode 58  
Célio: nossa Lésbia, aquela tal Lésbia,  
Lésbia, aquela, única que Catulo  
amou mais do que a si e todos os seus.

Catulo escreve sua “invocação ao Hímen” da mesma forma que Safo canta o seu epitalâmio

### **Safo**

#### Hímen

Ao alto o teto  
hímen!  
erguei, carpinteiros.  
hímen!  
Vem-se o esposo: rival  
hímen!  
é de Ares, e homem  
mais alto do que alto!  
hímen!

### **Catulo**

#### Invocação a Hímen

Ó tu que habitas o Hélicon,  
deus da raça de Urânia,  
que ao esposo a virgem terna  
raptas, Himeneu Hímen,  
ó Hímen Himeneu,  
(...)

Safo de Lesbos, mulher poeta que se impõe num universo masculino, modelo a ser imitado pela arte latina quando cai nas mãos de Catulo. A sociedade masculina de todos os tempos tentou apagá-la ou traí-la em seu gênero, mas ela sobrevive forte no dizer de Jaeger “... nos primeiros tempos somente a mulher era capaz daquela entrega total da alma e dos sentidos, único sentimento que, para nós, merece a designação de amor”.<sup>20</sup>

### Notas

1. NUNES, Zilma Gesser. “*Prelúdio de uma voz oculta*” – *Edição Crítica da Obra de Ernani Rosas*. Tese defendida em março de 2002, UFSC.
2. *Dicionário internacional de biografias*. Dir. Pierre Grimal, Sorboni. Ed. brasileira Sérgio Milliet e Antônio D’Elia. Vol. IV. São Paulo: Martins, 1969, p. 1248.
3. Idem.
4. JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. Artur Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 113.
5. Idem, p. 115.

6. Os poemas citados são da seguinte edição: SAFO. *Safo de Lesbos*. Trad. Pedro Alvim. São Paulo: Ars Poetica, 1992.
7. J. P. Hallett, "Sappho and her social context", *Signes* 3 (1979), pp. 451 - 452. Ela discute também um outro termo que deriva da reputação de Safo como homossexual nas palavras "safismo", "safista" e "sáfico".
8. *A Supplement to the Oxford Dictionary*, vol. II, Oxford, 1976, p. 645.
9. Ver no endereço [www.geocities.com/textosbec/paiva.doc](http://www.geocities.com/textosbec/paiva.doc) o artigo "O casamento e a esposa ideal em Homero e Safo de Lesbos".
10. Ver Contra R. Merkelbach, "Sappho und ihre kreis", *Philologus* 101 (1959), p. 4. Apud BREMMER, op. cit..
11. As estrofes sáficas são compostas de três versos dactílicos e um adônio (em português, três decassílabos e um pentassílabo).
12. ALMEIDA, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989, p. 58.
13. OLIVA Neto, João Ângelo. *O livro de Catulo*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 38.
14. Idem, p. 36.
15. FUNARI, Pedro Paulo. *Antigüidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995, p. 98.
16. SKINNER, M. B. Woman and language in Archaic Greece, or, why is Sappho a woman? *Feminist Theory and the Classics*. Nova Iorque: Routledge, 1993, p. 130 - 138.
17. DOWDEN, K. *Death and the maiden; girls initiation rites in Greek Mythology*. Londres: Routledge, 1989, p. 103.
18. FUNARI, op. cit., p. 99.
19. ZWEIG, B. The primal mind: using native American models for the study of Women in Ancient Greece. *Feminist Theory and the classics*. Nova Iorque: Routledge, 1993, pp. 145 - 180.
20. SAFO, op. cit., comentário de Jaeger.